

## MANTENDO UM CORPO-TERRITÓRIO: GIRAR PARA CHEGAR

Keeping a body-territory: spinning to arrive

**Desirée Francine dos Santos**

<https://orcid.org/0000-0001-6298-5915>

**Elton da Silva Rodrigues**

<https://orcid.org/0000-0002-1890-7482>

**Isabele Soares Parente**

<https://orcid.org/0000-0003-0561-5488>

**Jair Zandoná**

<http://orcid.org/0000-0002-4301-9436>

**Suzy Zaparoli**

<https://orcid.org/0000-0003-1813-9599>

**Tânia Regina Oliveira Ramos**

<http://orcid.org/0000-0002-2477-0419>

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura,  
Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – [ppglitufsc@gmail.com](mailto:ppglitufsc@gmail.com)

*De todos os amores de minha vida, de todos os muitos amores que me fizeram a vida; está a minha terra, o lugar, os lugares do meu país. De todos esses amores, às vezes dores, elas marcando meu corpo ceivando-o e cevando-o em sangue e carne vigorosos.*

“De todos os amores... [1990]”, Beatriz Nascimento<sup>1</sup>

Encontrar na terra um amor a ser narrado é um dos repertórios da poeta que encontra em si um “corpo-território” a ser esculpido em palavras. Beatriz Nascimento tratou de falar dos territórios e quilombos como um propósito quase que inevitável, já que, ao se afirmar “atlântica”<sup>2</sup>, a escritora sergipana cavou territorialmente a sua trajetória narrativa. Aos sete anos, ela e sua família já traçavam o mesmo percurso que a população nordestina percorria

<sup>1</sup> Aforismo publicado em *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento* (2015).

<sup>2</sup> Afirmação realizada no documentário *Ôrí* de narração e autoria de Beatriz Nascimento, dirigido por Raquel Gerber.

no fim dos anos 1940, uma migração rumo ao sudeste com todas as suas emblemáticas dores e desafios – no caso de Beatriz, de Sergipe rumo ao Rio de Janeiro.

As reinvenções de modos de vida realizadas a partir de mudanças territoriais são estratégias que podem ser encontradas em diversas narrativas como as afrodiaspóricas, por exemplo, uma vez que fazem parte de processos históricos em busca de sobrevivência. Poderíamos, então, relacionar essas reinvenções ao verbo-neologismo “exuzilhar” apresentado pela cronista nascida em Minas Gerais e radicada em São Paulo, Cidinha da Silva? Cronista esta que abarca em seu corpo-território as impressões sudestinas desses trânsitos regionais, assumindo mineiramente sua perspectiva diante de algumas crônicas, como no seu primeiro livro *“Cada tridente em seu lugar”*, lançado em 2006 e publicado pela Mazza Edições.

A observação das trajetórias errantes de Beatriz e Cidinha nos leva a sublinhar o quão a escrita pode carregar de deslocamentos, territorialidades, rotas, ocupações, dentre outros trânsitos, sendo estes temas centrais ou não, mas que, implacavelmente, perpassam as dinâmicas de vida dessas autorias. O que nos tensiona agora tem mais relação com os cruzamentos territoriais de quem escreve do que na maneira como isso se concretiza pela/na escrita. Esses cruzamentos, como menciona Beatriz, podem ceivar, ou seja, abrir outros caminhos nutrindo-os com experiências somente adquiridas nessas mesmas trajetórias.

Necessário também refletir que os eixos, percorridos por Beatriz Nascimento e Cidinha da Silva, respectivamente, RJ – SP, é a morada da grande maioria de um chamado perfil de “escritores brasileiros”, onde 72,7% são homens, 93,9% são brancos e 78,8% possuem ensino superior, segundo dados da pesquisa estatística coordenada pela crítica literária Regina Dalcastagnè (2008).

Apesar destas construções mantenedoras de uma política de poderes solidificada no campo literário, encontramos na rota espiralar atual algumas pistas para escolhermos outras narrativas que possam exceder referências bibliográficas a que temos acesso quase que compulsoriamente: referências em sua maioria cis-hetero-branco-normativas. Por isso é coerente perguntar: Quais são as escritoras que conseguem romper com as dinâmicas restritivas do mercado editorial brasileiro diante do perfil apresentado? Ou, quais são as editoras que possuem um arsenal mais plural e conseguem, conseqüentemente, ter um público mais diverso com autorias mais diversificadas? *Pode uma escritora escrever?*<sup>3</sup>

Esta mesma temática das territorialidades, vinculadas ao âmbito educacional das universidades e seus modelos curriculares, reverberam ainda um modelo neoliberal, cuja proposta principal sobrecarrega no favorecimento de interesses econômicos em detrimento das comunidades que ocupam essas instituições. Aos poucos, alguns caminhos são trilhados em prol de mudanças mais concretas. A exemplo na UFSC, o movimento estudantil indígena finalmente garantiu, no segundo semestre de 2022, uma cadeira no Conselho Universitário (CUUn), conquista ainda minúscula visto que é uma cadeira cedida pelo DCE,

---

<sup>3</sup> Pergunta baseada em “Pode o subalterno falar?” do livro homônimo (2010) de Gayatri C. Spivak.

mas que pode reverberar em termos de reivindicações necessárias para esta mesma comunidade, já que as condições de permanência de pessoas indígenas no campus ainda se encontra em grandes dificuldades.

Complementando, não nos basta apenas compreender concepções sobre territorialidades com referências que se estendem da antropóloga Joziléia Kaingang – com sua pesquisa sobre as mulheres Kaingang na TI Serrinha – à psicóloga Geni Núñez – com seu posicionamento contra as diversas monoculturas –, mas sobretudo apoiar a legítima luta de estudantes indígenas por direitos básicos de moradia, alimentação e garantia de existência como acontece na *Ocupação Maloca UFSC*.

Cabe mencionar, também, a movimentação de estudantes da pós-graduação contra a aprovação da resolução normativa que visa transformar a pós-graduação em ensino híbrido, uma vez que, segundo a Associação de Pós-Graduandos (APG), esta lógica de ensino pode ser um primeiro passo para um modelo de ensino plenamente remoto nesta instância, o que pode afetar intensamente o funcionamento da instituição e as interações dentro dos programas. O que entra em jogo, neste caso, é a conjuntura que fomenta um distanciamento da comunidade universitária da própria universidade, a qual impulsionaria um isolamento e afastamento gradual dessas pessoas do campus. Essa situação traz à tona preocupações acerca de cortes orçamentários, juntamente com as implementações de normativas distantes de decisões democráticas que contemplem a maioria de pós-graduandos.

É fato que algumas mobilizações institucionais, notas de repúdio de centros acadêmicos e de coordenação de cursos contra racismos, transfobias e manifestações neonazistas e misóginas têm feito parte das notícias do último semestre deste ano que circulam dentro do campus da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Por isso, acreditamos na necessidade das pautas sobre a permanência e o direito à segurança de todas as pessoas na universidade, uma vez que a convivência com o medo e a discriminação são fatores constituintes de evasão acadêmica.

A dificuldade de se adentrar a uma comunidade universitária e o orquestramento hierárquico das disputas de narrativas entre os cursos superiores constitui-se, ainda, um desafio difícil de ser contraposto. No entanto, na contramão dessas disputas, também epistêmicas, está a intelectual Joana Célia dos Passos mostrando-nos a mudança advinda e almejada pelas políticas de ações afirmativas, fazendo com que o racismo estrutural e institucional despenque, pelo menos, em alguns degraus na esfera máxima da administração universitária. Joana dos Passos, enquanto a primeira vice-reitora negra eleita em 2022, representa não só uma mudança significativa em termos de debates étnico-racial, social ou de gêneros, mas a certificação de uma educação que contemple a todes, como ela mesma ressaltou para a entrevistadora Amanda Santos: “Nós temos como foco a permanência como um ponto indiscutível para assegurar que os estudantes concluam seus cursos e tenham saúde mental para se concentrar nos estudos” (SANTOS, 2022, on-line).

Sabemos bem que os impactos de um governo bolsonarista nos últimos quatro anos



em um contexto pandêmico evidenciaram a criminalização de ocupações territoriais e a violência contra corpos-territórios negros, indígenas, com deficiência, LGBTQIAPN+, periféricos, isto é, todas as corporalidades que não se encaixam em padrões socialmente privilegiados. Portanto, enxergar as pequenas e significativas mudanças, como a presidência de Lula em 2023, seria considerar atravessamentos reais em busca de um “amor pela terra” como dito no aforismo que nos introduz? Não romantizemos os trânsitos, mas também não percamos o amor como ato político de existência!

Talvez a concepção de *tempo espiralar*, a simultaneidade entre passado, presente e futuro, de Leda Maria Martins, possa conjugar com os trânsitos do verbo *exuzilhar* criado por Cidinha da Silva, este que contempla um “jeito de corpo que, como as figuras de linguagem, [nos] impulsiona a girar no movimento do mundo acompanhando a sua pulsação”<sup>4</sup>. Talvez seja preciso um reconhecimento de nosso pertencimento temporal para poder circular, girar e perceber as encruzilhadas que nos potencializam no mundo...

Tais encruzilhadas motivaram a pintura que ilustra a capa do volume. Com o título *Girar para chegar* (21 x 30, tinta acrílica, nanquim e lápis aquarelável sobre papel), a artista e colega Desirée dos Santos elaborou o trabalho “inspirada no verbo-neologismo ‘exuzilhar’ de Cidinha da Silva e baseada nos modelos de bordado vazado de minha avó, dona Benedita Conceição da Silva”, conforme descreve por e-mail acerca da pintura gentilmente pensada para o volume.

Com relação aos giros, circularidades e encruzilhadas, não podemos deixar de mencionar que o volume atual da Anuário de Literatura traz um breve e importante dossiê intitulado “100 anos de Agustina Bessa-Luís” e organizado pela professora Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento (Universidade da Madeira, Portugal) e pelo professor Jorge Vicente Valentim (Universidade Federal de São Carlos, Brasil). Agustina (1922-2019) foi uma escritora importante no cenário das literaturas de língua portuguesa contemporâneas, dedicou-se a diferentes gêneros literários como diários, crônicas, contos, novelas, romances, biografias, dramas, roteiros fílmicos, ensaios, textos aforísticos e literatura infanto-juvenil. À guisa de exemplo, vale citar o seu romance *Os meninos de ouro* (1983), enredo que retoma a Revolução dos Cravos, a qual desencadeou uma ruptura na estrutura político-governamental (não apenas) em Portugal. Sobre isso, é possível, literariamente, dimensionar o quanto a Revolução afetou José – ocorrido quando ele e Rosamaria já se encontravam casados:

quando a nação foi perturbada pelos acontecimentos do 25 de Abril, uma espécie de peste social que contaminou grupos inteiros, de políticos, de simples cidadãos inexperientes das grandes crises, que não são exactamente económicas; são crises de mutação em que um novo capítulo de sobrevivência humana se resolve, muito antes de uma ética ser articulada. (BESSA-LUÍS, 2018, p. 50)

---

<sup>4</sup> Definição de *exuzilhar* dita por Cidinha da Silva no episódio *Cidinha da Silva. Da tecnologia do quiabo ao “exuzilhar”* do Itaú Cultural (2020).

Esse romance nos parece especialmente significativo pelo fato de, apesar de seu título dar a entender que de meninos, rapazes e homens é que a narrativa se dedicará a falar, Rosamaria é quem mobilizará o enredo, ao não se sacrificar por homem algum – algo incomum para a época. As rupturas decorrentes da derrocada do projeto salazarista/colonial, em Portugal, e o contexto atual brasileiro, convidam para visarmos as pequenas e significativas mudanças, inclusive as que estão por vir a nos potencializar...

## Referências

BESSA-LUÍS, Agustina. *Os meninos de Ouro*. 10. ed. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Gragoatá*. Niterói, v. 13, n. 24, p. 203-219, 1 sem. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33169>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ESTÁCIO, Luísa. [Notícia] Aprovada a resolução normativa sobre o ensino híbrido na CPG; normativa será tramitada agora no CUn. *Redação UFSC à Esquerda*. 06 out. 2022. Disponível em: <https://ufscaesquerda.com/noticia-aprovada-a-resolucao-normativa-sobre-o-ensino-hibrido-na-cpg-normativa-sera-tramitada-agora-no-cun/>. Acesso em 13 out. 2022.

ITAÚ CULTURAL. *Cidinha da Silva. Da tecnologia do quiabo ao "exuzilhar"*. 1 vídeo. (17min11seg). 24 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOjMY24ZkzE&list=WL&index=2>. Acesso em: 15 jul. 2022.

LEDA MARIA MARTINS. *Spiraling Time – Leda Martins*. 2013. Arts Research Center. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yGt8Jaeke9Q&t=3662s>. Acesso em: 20 out. 2020.

LONGHINI, Geni Daniela Núñez. *Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2022.

MOMENTO HISTÓRICO para estudantes indígenas na UFSC. *Desacato.info*. 17 de out. 2022. Disponível em: <https://desacato.info/momento-historico-para-estudantes-indigenas-da-ufsc/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ÔRÍ. Direção de: Raquel Gerber. Brasil, 1989.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2006.

RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (Org.). *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

SANTOS, Amanda. Conheça Joana dos Passos, a primeira vice-reitora negra da UFSC. *Ndmais*. Florianópolis. 15 jul. 2002. Disponível em:



<https://ndmais.com.br/educacao/conheca-joana-dos-passos-a-primeira-vice-reitora-negra-da-ufsc/> Acesso em: 25 nov. 2022.

SCHILD, Joziléia Daniza. *Mulheres Kaingang, seus caminhos, políticas e redes na TI Serrinha*. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, 2016.

SILVA, Cidinha da. *Cada tridente em seu lugar*. 3.ed., rev. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *Pode o Subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

#### NOTAS DE AUTORIA

**Desirée Francine dos Santos** (desireefsantos@gmail.com) é doutoranda em Literatura na UFSC (2020), mestra em Letras pela UFPR (2016) e graduada em Letras – Língua Portuguesa pela UFOP (2012). Desenvolve pesquisas sobre traduções artísticas e literárias de autorias negras. Possui publicações de ensaios, poesias, traduções e ilustrações em meios digitais. Tem experiências nas áreas de ensino de línguas, ensino de literaturas, revisão textual, traduções literárias e ilustração/pintura. Atua profissionalmente com textos e imagens.

**Elton da Silva Rodrigues** (eltonrodriguesdsr@gmail.com) é licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2018) e mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da mesma universidade. Integra a equipe do Laboratório Floripa em composição transdisciplinar: arte, cultura e política (LabFLOR). Compõe a Comissão Editorial da revista Anuário de Literatura, periódico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de educação de Palhoça.

**Isabele Soares Parente** (isabele-soares@hotmail.com) é mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri. É pesquisadora do Núcleo de Estudos em Teoria Linguística e Literária (NETLLI) e participa do Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular Behetçoho. Compõe a comissão editorial da Revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC).

**Jair Zandoná** (jzandona@gmail.com) realiza estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Doutor e mestre em Literatura pela mesma instituição. É um dos editores da Revista Anuário de Literatura (PPGL/UFSC) e editor de resenhas da Revista Estudos Feministas (REF). Integra o quadro de pesquisadores/as do Instituto de Estudos de Gênero/UFSC, do Literatual/UFSC e do Grupo de Estudos no Campo Discursivo/UFSC.

**Suzy Zapparoli** (suzyzapparoli@gmail.com) é mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLIT/UFSC), atualmente, é doutoranda em Literatura pela mesma instituição e é professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental II, na rede municipal de São José, em Santa Catarina.

**Tânia Regina Oliveira Ramos** (taniareginaoliveiramos@gmail.com) é Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora do nuLIME – Núcleo de Literatura e Memória. É uma das editoras da Revista Estudos Feministas e da Anuário de Literatura. Atua nas áreas de gênero e subjetividades, história e memória literária.

#### Agradecimentos

Não se aplica.

#### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT



SANTOS, Desirée dos; RODRIGUES; Elton da Silva; PARENTE, Isabele Soares; ZANDONÁ, Jair; ZAPAROLI, Suzy; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Mantendo um corpo-território: girar para chegar. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 27, p. 01-07, 2022.

#### **Contribuição de autoria**

Elaboração e contribuição coletiva.

#### **Financiamento**

Não se aplica.

#### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

#### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

#### **Conflito de interesses**

Não se aplica.

#### **Licença de uso**

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **Publisher**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

#### **Histórico**

Recebido em: 01/12/2022

Aprovado em: 06/12/2022

Publicado em: 14/12/2022

